

Paulo Rónai

Colecção Debates

Dirigida por J. Guinsburg

Conselho Editorial: Anatol Rosenfeld, Anita Novinsky,
Aracy Amaral, Boris Schnaiderman, Celso Lafer, Gita
K. Ghinzberg, Haroldo de Campos, Maria de Lourdes
Santos Machado, Rosa R. Krausz, Sábato Magaldi e
Zulmira Ribeiro Tavares.

Babel & Antibabel

ou O problema das línguas universais

Equipe de realização: Geraldo Gerson de Souza, re-
visão; Moysés Baumstein, capa e trabalhos técnicos.



Editora Perspectiva São Paulo

Introdução

I Uma tragicomédia linguística

II Começos da luta contra Ba

III Lingualúmina, Chabé Aban

IV Visita a duas línguas filosóf

V Menade bal, pükki bal

VI Como se faz uma língua . . .

VII	Esperanto: prós e contras	65
VIII	Virtudes e virtualidades da língua cató- lica	73
IX	Esfolhando a margarida	81
X	Filhos e sobrinhos do esperanto, netos do volapugue	87
XI	Interlíngua e interlíngua	93
XII	O neolatínus e adjacências	99
XIII	A Bela Adormecida no Bosque	105
XIV	A mais universal das línguas universais	113
XV	As bases do <i>Basic English</i>	119
XVI	<i>Basic English</i> : vantagens e inconvenientes	125
XVII	Panamane ou a procura do absoluto ...	133
XVIII	Grego para chinês ler	139
XIX	Pidgin, sabir, fanagalo	145
XX	O Aristograma e outras escritas antihabélicas	153
XXI	Francês fundamental e maquiavelismo	161
XXII	<i>Frater frater frater frater</i>	169
XXIII	Vamos falar romanid?	175
XXIV	De quantas línguas precisa o homem?	181
	<i>Índice analítico</i>	187

É preciso estudar volapugue.

CARLOS DRUMMOI

*Há três coisas que incompatibilizam
soa. Uma é o esperanto.*

MANUEL BANDEIR

*Si la Nature (dont quelque personna
non sans raison a doué, si on la devoit
rastre) eust donné aux hommes un commu-
tément, outre les innombrables commodi-
cedés, l'inconstance humaine n'eust eu b
de manieres de parler. Laquelle diversité
bon droit appeller la tour de Babel.*

JOACHIM DU BELL

Was die Sprache gewollt, haben die

FRIEDRICH SCHILL

*Whether or not some national lang
a constructed language, say, Esperanto,
immediate future, does not depend prima-
ces that can be manipulated, but on mar-
sonal political, economic and social dete*

EDWARD SAPIR

A imagem é do erudito professor mineiro Heitor Martins, que se deu ao trabalho de verter a poesia do nosso grande lírico — para o volapuque! Eis, ao lado da primeira estrofe, a respectiva tradução:

POEMA DA NECESSIDADE

POEDOT ZESÛDOFA

É preciso casar João,
é preciso suportar
Antônio,
é preciso odiar
Melquiades,
é preciso substituir nós
todos.

Zesûdos komatôn Joani,
zesûdos jileton Antoni,
zesûdos hetôn Melkiadi,
zesûdos pladaton obsis
valikis¹⁶.

VI

COMO SE FA

A maior contribuição do esperanto ao problema das comunicações internacionais em ser êle o primeiro idioma artificial morto, como quase todos os seus sucessores, morreu ao cabo de alguns anos de vida. Hoje êle tem a idade venerável de trinta e seis annos, e não mostra a menor tendência a artificialidade, mas chegou a ser utilizado realmente em alguns países.

Para verificar-lhe a praticabilidade em servir de lingua de teste, um livro escrito nes

¹⁶ Minas Gerais. *Suplemento Literário*, 11 de outubro de 1969.

riência valeu: unicamente armado do quadro sinótico da gramática numa só fôlha¹ e de um vocabuláriozinho de bôlso, que se limita a uns dois mil radicais, prefixos e sufixos da língua,² conseguiu entendê-lo com exceção de poucas palavras e pouquíssimas frases.

O que menos esperava, porém: o livrinho me prendeu menos pelos atrativos da língua que pelo interesse do assunto. E uma biografia de Zamenhof, o fundador do esperanto, por Edmond Privat.³ A sua leitura faz-nos compreender que não foi por acaso que de tantas tentativas de línguas artificiais precisamente o esperanto logrou vingar. Seu inventor era um indivíduo excepcional, com dotes notáveis de inteligência e de caráter. Talvez houvesse entre os precursores do idioma auxiliar espíritos mais brilhantes — um Leibniz, por exemplo; nenhum, porém, teve a constância de Zamenhof, que soube dedicar a existência a essa idéia.

É realmente apaixonador acompanhá-lo através da sua singular carreira. A idéia de criar uma língua internacional destinada a estreitar os laços entre os homens dos diversos países não lhe veio de relance, numa revelação divina, como o volapüque apparecera a Mons. Schleyer. Ela vinha amadurecendo em seu espírito desde menino sob as impressões de sua infância. Filho de um pobre professor judeu, desde cedo teve Zamenhof de sofrer o choque de ódios raciais, nacionais e religiosos em Bialistock, sua cidadezinha natal, onde, sob o domínio russo, polacos, lituanos, judeus e alemães, acantonados em seus respectivos idiomas, viviam a de-testar-se uns aos outros. (Depois compreenderia que a divergência dos idiomas não era a principal responsável de tôda aquela incompreensão; havia interessados em insuflar aquêles ódios. Em todo o caso, a diversidade das línguas facilitava-os.) Impunha-se uma língua de comunicação internacional para aproximar os homens de todos os Bialistocks do mundo. Conventu-se-se facilmente de que, para ser aceito por todos,

essa língua não podia ser nenhuma resolven fazê-la.

Nunca ninguém se apegou a uma mosia maior. Bilingüe, ou antes, trilingüe (pois falava polaco, hebraico e alemão), Ludwíg Lazar aprende no ginásio quire rudimentos de latim e grego quando principia a sonhar com o esperanto. Quase todos os seus predecessores resultados ignora —, primeiro que a língua, só de palavras inventadas, tendo coordenadas por preceitos de pura lógica. Uma dessas línguas apriorísticas, a esperanto, a história cultural está cheia. Mas em 1909, um ano do ginásio vislumbra de repente a possibilidade de uma língua internacional tipias da sufixação. Ao mesmo tempo, a língua lhe revelam que pode haver uma sem complexas regras de gramática.

Paralelamente aos estudos secundários, o seu sistema com teimosia e coragem de turma se tornam seus estudos. Em 1878 — quando Ludwíg Lazar tinha nove anos — uma cerimônia estritamente modesta casa dos Zamenhofs: meiodos cento reúne-se para celebrar o nascimento de Ludwíg Lazar, cantando o hino de um povo inexistentes e vras incompreensíveis a qualquer modo por forte embriaguez intelectual.

Ao pai de Ludwíg Lazar o esperanto sem o entusiasmar. Quimeras dessem pôr em risco o futuro do filho. Fã de lado a idéia enquanto não tirasse proveito, ainda não satisfeito com o resultado, quanto o filho obediente vai estudar esperanto, queima-lhe secretamente tôda a língua e o idioma inteiro com suas raízes e com

Ao regressar à casa paterna, pelo te vem a saber do gesto do pai com o esperanto. Agora êle se julga livre de qualquer obrigação de deixar-se formar-se, mas volta a suas horas de lazer à reconstrução do esperanto pelo fogo. Leva outros anos na esperanto língua, o que nos pode causar estranheza.

1. *Primeiro Manual de Esperanto, Federação Espiritista Brasileira*, Rio, 1950, págs. 7 e 8.

2. A. COUTO FERNANDES, *Dicionário de Bólso Esperanto-Português*. Ed. da Liga Esperantista Brasileira, Rio, 1946.

3. Edmond PRIVAT, *Vivo de Zamenhof*. The Esperanto Publishing Co. Ltd., Heronsgate, 1946.

extrema simplicidade do esperanto. Observe-se, porém, que os predecessores de Zamenhof geralmente compunham a gramática e o vocabulário de seus respectivos idiomas e depois largavam-nos para que a humanidade os adotasse e desenvolvesse; mas como a humanidade sempre tinha outros afazeres mais importantes e urgentes, as pobres das línguas estiolavam-se. O procedimento de Zamenhof foi completamente diverso; levou anos a experimentar as regras e os vocábulos inventados para ver como funcionavam na prática. Foi em parte com este fim que iniciou uma série de traduções, para o esperanto, de obras-primas da literatura mundial, entre elas a Bíblia, peças de Shakespeare, Molière, Goethe, Schiller, Gogol, contos de Andersen. Só em 1887 quando a língua já estava devidamente experimentada, comunicou-a ao público, num livrinho editado com o auxílio material do futuro sogro.

A data da publicação coincidiu com o segundo congresso volapunquista internacional. Ao tomar conhecimento da existência e dos progressos do volapunque, Zamenhof já estava com o seu idioma elaborado; do contrário teria desistido, apesar de ver claramente as imperfeições da língua de Schleyer. A expansão desta, aliás, ia-se paralisar depressa, e durante uns vinte anos o esperanto pôde prosperar sem concorrente sério. Eram vinte anos de paz relativa no mundo, favoráveis à esperança de uma confraternização universal e, portanto, a um impulso sem precedentes na propagação do novo idioma auxiliar.

O próprio criador ficou surpreendido com a repercussão de seu livro. Jornais e revistas de tóda a espécie, especialistas de glotologia e simples particulares acumulavam-no de elogios. Muitos escreviam-lhe em esperanto. Na Alemanha fundou-se a primeira revista consagrada à propagação do idioma recém-nascido, *La Esperantisto*. Teve grande repercussão a adesão de Tolstói, que declarou haver aprendido o esperanto em duas horas e acrescentou que "seu estudo e sua divulgação são deveres cristãos, pois facilitam o advento do reino de Deus, principal e único objetivo da vida humana".

Enquanto seu idioma vai de vento em pôpa, Zamenhof se encontra em situação difícil. Longe de completar-se com o esperanto (renunciara, aliás, desde a 1ª edição de seu livro, aos direitos autorais), perde

tempo e dinheiro com êle e várias outras coisas. Para dar-se para um consultório menor e os filhos morarem na casa do sogro, Zamenhof teve que vender os seus bens. Os ventos mal chegaram para o próprio Zamenhof, *La Esperantisto*, amparado por Tolstói, não conseguiu dar prejuízo, e até a Rússia em 1895 proibe-lhe a circulação. O maior número de assinantes duzido um artigo de Tolstói. Mas a língua já criara raízes noutros países e surgirá outro periódico esperanto e *Internacia*. Daí em diante o esperanto começa a ganhar força e a quebrar de continuidade.

Por influência do volapunque, o primeiro congresso internacional de esperantistas resolveu convocar um primeiro congresso internacional para 1905, em Boulogne-sur-Mer. O lugar escolhido foi na euforia enganadora do congresso e a presença de delegados de todas as partes. Essa reunião deve ter sido o acontecimento mais importante da vida de Zamenhof, aplaudido como mestre. Daí em diante viveriam os dias de glória do esperanto. Os progressos que se realizariam anualmente seriam muitos e longos da Polónia e da Rússia. A preparação com febril impaciência sua

A despeito do enorme êxito alcançado, Zamenhof não perdeu a modéstia e a humildade. O senso e até humildade as simplificações lhe propunham os adeptos da *idmsanideanos*, no que diferia completamente de Schleyer, que, arvorando-se em pagador, tornara causador do desmoronamento do esperanto. Justamente por isso deve ser fundamentalmente o cisma do *ido* (sufixo *-ido* "descendente", "filho") devido por alguns esperantistas, a pretexto de simplificações. Convidado por uma Delegação de uma Língua Internacional, Zamenhof a advogar a causa do esperanto, Zamenhof Marquês de Beaufort, chefe do esperanto, que o representasse. Com sua presença, Marquês, em vez de defender o esperanto num verdadeiro golpe outro idioma, numa verdadeira melhora da situação, uma edição melhorada da gramática e do vocabulário, Zamenhof obtivesse a adesão de alguns lingüistas

conseguiu tornar-se um concorrente popular do esperanto; mesmo assim, Zamenhof deve ter sofrido muito com o que lhe parecia uma traição.⁴

Outra decepção mais grave trouxe-lhe amarguras ainda maiores. Para ele o esperanto nunca fôra apenas uma língua: ou melhor, era uma língua destinada a dizer algo especial, que não fôra dito ou não estava sendo dito nas outras. Era o que ele chamava "idéia íntima" do esperanto, procurando defini-la pela primeira vez em 1905, numa brochura sôbre o *homarismo* ('humanitarismo'), movimento a favor de uma cidadania supranacional e de uma religião superconfessional. Nem todos os *samideanos* aprovavam as teorias do mestre, que os mais timoratos tachavam de messianismo inoportuno, capaz de comprometer o êxito da língua. Zamenhof concordou em estabelecer uma separação completa entre os seus ideais e a propaganda esperantista; mas continuou pensando e escrevendo que o esperantismo sem a idéia íntima era coisa morta.

Quis reafirmá-la por ocasião do 10º congresso esperantista, convocado para agosto de 1914 em Paris, porém os organizadores recusaram-se a incluir no programa um convite aos participantes para discussão do *homarismo* depois do congresso. Este, aliás, não chegou a realizar-se. Ao alcançar a fronteira franco-alemã, Zamenhof encontra os primeiros trens de soldados: as hostilidades estavam iniciadas como um flagrante desmentido aos seus sonhos de confraternização universal.

Não sobreviveria muito à terrível decepção. Já ia doente ao Congresso de Paris; voltou da fronteira francesa para Varsóvia depois de viagem extenuante, com o estado de saúde muito piorado. A doença lhe faz aos poucos abandonar a clínica. Assiste aos horrores da guerra, a novas perseguições anti-semíticas, ao bombardeio, depois à ocupação de Varsóvia pelos alemães. Isolado no meio da cidade ocupada, separado de seus caros *samideanos* e de seus pacientes pobres, a quem sempre atendera caridosamente, o pequeno oculista extinguia-se devagar. A moléstia asfixiava-o, impedindo-

4. A história do cisma é contada pormenorizadamente por GAUTHEROT, em *La Question de la Langue Auxiliaire Internationale*, Hachette, Paris, 1910, e por Edmond PRIVAT, *Historio de la Lingvo Esperanto, Dua Parto, La Movado*, 1900-1927. Internacia Esperanto Instituto, Hago, Neterlando, 1927.

lhe deitar-se durante os últimos r
nizava, pois, sentado à escrivania
apêlo aos diplomatas que iam con
que não vinha, e substituindo, cac
tado, a futura data do congresso
nifesto manuscrito, seu último trat
1915"... "depois do fim da gue
antes, em abril de 1917, legando a
e um exemplo.

Após a primeira guerra mun
meçou a reconquista das posições
era apenas aparente. Ante a fôrça
nacionalismos que renasceram and
idioma supranacional não conseguiu
quer entre os samideanos o espírito
que o seu fundador sonhara. "Em
de esperantistas, os delegados italia
tra a presença de delegados abissin
quando êstes se instalaram."⁵

Mesmo semelhantes manifestaç
foram impotentes para salvar a líng
sanha de Hitler, cuja esquizofrenia
todo organismo de tendências intern
votou-lhe verdadeiro ódio, mandando
zações esperantistas, e, quando sua
a Polônia, os descendentes de Zame
seguição especial, foram em parte
truído o nazismo, o esperanto ficou
de Stalin, como "instrumento do int
guês e cosmopolita".⁶ O "degeio"
nício das atividades esperantistas
demais países socialistas, e o center
de Zamenhof (em 1959) foi festej
na Polônia. Por uma reviravolta cu
conseguiu uma espécie de monop
Democrática Alemã, onde os folhe
outras línguas universais estão send

5. Joshua WHATMOUGH, *Langua*

6. Marjorie BOULTON, *Zamenhof*

7. *Novas de Interlingua*, New York